

LAEA LIVRO Zero

Capítulo A1

O Dia Em Eu Que Pensei Que Era o Super-Homem

(Ou, O Dia Em Que Fui Atropelado por Um Caminhão Cheio de Dinheiro)

Era novembro de 1979 e eu estava em São Paulo, SP.

Eu tinha 25 anos e era o CIO da Compesa (Companhia Pernambucana de Saneamento).

Naquela época o termo CIO ainda não havia sido cunhado e o cargo que eu ocupava era normalmente chamado de Gerente de Informática.

Na Compesa, após uma recente reestruturação na organização, o nome exato do meu cargo era Chefe da Unidade de Informática, uma unidade que era subordinada ao Assessor de Planejamento, por sua vez diretamente ligado ao Diretor Presidente.

A estrutura que eu comandava consistia de umas cento e cinquenta pessoas, abrangendo Analistas de Sistemas, Programadores, Operadores de Computador, aproximadamente cem Digitadores, além de chefias dos grupos de trabalho e pessoal administrativo.

Naquela época eu também era Diretor Técnico da SUCESU-PE, o braço estadual da SUCESU Nacional, a Sociedade de Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários.

As Dificuldades da Informática da Compesa

Embora a Compesa tivesse toda aquela estrutura na área de Informática, devido a um decreto estadual, não lhe era permitido ter um computador próprio.

A tecnologia de então consistia em grandes computadores que faziam todo o processamento de uma empresa e geravam quilômetros de relatórios em papel, usando o que era chamado de formulários contínuos.

Grande parte do trabalho da Informática da Compesa consistia em coletar leituras dos medidores de consumo de água (hidrômetros) e emitir contas mensais, a serem pagas pelos consumidores. Mais da metade do estado tinha água fornecida por conexões sem medidor, mas todos deviam receber uma conta.

Devido ao tal decreto estadual, a Compesa tinha que terceirizar esse trabalho numa empresa estadual chamada Cetepe, que tinha o objetivo de concentrar toda a atividade de Tecnologia da Informação do estado. Eram tempos de ditadura militar e essas questões tecnológicas eram consideradas de segurança nacional.

No entanto, o Cetepe era incapaz de atender às necessidades da Compesa em tempo, o que resultava em tempos absurdos entre a leitura dos medidores e a entrega das contas

aos usuários, para que fossem pagas, forçando a extensão das datas de vencimento. A média era cinco a seis semanas, o que significava que um consumo de água ocorrido em um mês só era pago quase dois meses depois.

Os prazos também era frequentemente não cumpridos, resultando em um efeito cascata, que comprometia todo o fluxo de caixa da Compesa. Era comum as contas chegarem para serem entregues já depois do vencimento impresso, o que nos obrigava a carimbar todas elas com novas datas de vencimento e a fazer publicar em jornais avisos informando das prorrogações.

Também o ciclo de desenvolvimento de programas tinha tempos absurdos. Os programas tinham que ser enviados ao Cetepe para compilação e o resultado só voltava uma semana depois, às vezes apenas uma mensagem de erro informando que estava faltando um ponto em alguma linha de código.

Grande parte do problema era que o Cetepe também tinha que atender outros clientes, como o Detran-PE, a Secretaria de Administração, a Secretaria de Finanças e a Celpe, esses com maior poder de influência.

Em Busca da Liberdade

Quando eu assumi o cargo de Gerente de Informática, em janeiro daquele ano, decidi batalhar para que a Compesa fosse auto-suficiente em Informática e comecei a insistir com meu chefe que era hora do Cetepe abrir mão do monopólio e deixar que caminhássemos com nossas próprias pernas. Mas meus apelos não foram capazes de sensibilizar meu chefe nem a diretoria da empresa.

Mas em abril houve uma mudança na presidência e o novo incumbente entendeu que era preciso fazer algo com relação aos constantes atrasos na entrega das contas, além de reduzir o tempo entre a leitura e o recebimento do valor da conta.

O novo presidente me encarregou de formatar um projeto no qual a Compesa seria independente para emitir suas próprias contas. E também as outras atividades: folha de pagamento, controle de materiais, etc.

Então defini uma configuração de equipamentos que fossem capazes de satisfazer às necessidades da Compesa.

Na verdade, o “computador” era um conjunto de equipamentos interligados, cada um deles do tamanho de uma geladeira, ou maior. Tudo ocupava uma sala, que, via de regra, não era menor que 100 m².

O caminho ideal teria sido ir à IBM e solicitar uma proposta de aluguel dos equipamentos, que eram muito caros e era mais viável alugá-los.

E assim fiz. Mas a IBM, que tinha o Estado de Pernambuco como um grande cliente, não topou assumir uma briga e disse que se sentia obrigada a seguir o decreto estadual e que, então, não podia oferecer uma proposta à Compesa.

Uma alternativa era tentar comprar o computador de um outro fornecedor, mas todo o acervo de programas da Compesa usava tecnologia da IBM: programas escritos em Cobol para a plataforma IBM/370 e banco de dados DL-1. Mudar de fornecedor significaria um enorme trabalho de modificar grandes partes do código e até mesmo reescrever alguns programas.

Havia também um outro empecilho, este federal. Não era possível à Compesa simplesmente alugar ou comprar um computador à IBM, que não possuía estoque de máquinas e cada uma era objeto de um processo de importação. E a importação dependia de uma autorização da SEI (Secretaria Especial de Informática), órgão federal que procurava controlar todo o uso de equipamentos.

A alternativa era comprar um computador usado de uma empresa que estivesse trocando os seus por modelos mais novos. Naquela época havia um grande mercado de compra e venda de equipamentos usados, geralmente itens de modelos antigos mas ainda totalmente funcionais. Os jornais de tecnologia da época tinham páginas de classificados oferecendo esse tipo de equipamento.

Então eu entrei em contato com alguns desses “computer brokers”, como eram chamados, e solicitei proposta dos equipamentos desejados.

Aqui vale mencionar que fiz todo esse trabalho só, apenas com o apoio da pessoa da IBM que atendia a Compesa, porque não podia vaziar a informação de que a Compesa estava procurando comprar um computador, senão o Cetepe iria agir e impedir a iniciativa em seu nascedouro.

Os Equipamentos

As propostas recebidas foram analisadas por mim e pelo Diretor Presidente da Compesa, com quem então eu estava despachando diretamente. Optamos por comprar um conjunto de equipamentos de um broker chamado Joaquim José de Lima Cruz, de São Paulo.

A compra seria feita a algumas empresas, em pedaços e o conjunto montador em Recife:

- da Embraer viriam uma :CPU IBM/370 (com 512M de RAM) mais um conjunto de cinco unidades de discos removíveis IBM 2319 (de 29M cada), uma leitora de cartões IBM 2501 e uma impressora IBM 1403-N1 com velocidade de 1100 linhas por minuto
- do Bamerindus viria um segundo conjunto de oito discos IBM 2314 (de 29M cada)
- de um banco japonês (não lembro o nome) viriam quatro unidades de fita IBM 3420

Com esse conjunto a Compesa seria capaz de emitir suas contas d’água em seu próprio ritmo. E isso aconteceu em 1980, com o tempo do ciclo leitura-entrega reduzido de 6 semanas para uma semana apenas.

Mas ainda era 1979 e eu estava fechando o negócio com o broker, e precisei viajar a São Paulo para tratar disso. Precisava inspecionar os equipamentos na sua origem, alguns

deles ainda em uso, outros já desligados e armazenados. Afinal, era uma operação de US\$ 750 mil.

O Acidente

Eu programei a viagem para ficar em São Paulo até o sábado, quando voltaria à noite para Recife.

Mas era início da tarde da sexta-feira e tudo já havia sido resolvido, e eu procurei antecipar minha volta para aquela noite.

Meu bilhete aéreo era da companhia Transbrasil e, naqueles tempos pré-Internet, só era possível fazer essa mudança tão em cima da hora no aeroporto ou numa das lojas da empresa. Eu quis me garantir logo e procurei uma loja. Não ia dar tempo de ir até o hotel, pegar minha bagagem e ir ao aeroporto.

Havia uma loja no centro de São Paulo, na avenida São Luís, próxima ao Edifício Itália. Informei-me sobre o endereço dessa loja e para lá me dirigi. Mas me confundi com o nome da avenida e fui procurar a loja na avenida São João. Caminhei a São João toda sem achar a loja, claro. Na esquina com a Líbero Badaró foi que me dei conta de que estava procurando a loja no lugar errado, e caminhei até o Viaduto do Chá, que era o caminho para chegar na avenida São Luiz.

No meio do Viaduto do Chá, próximo a uma banca de revistas, resolvi atravessar a rua. parei na calçada e olhei para os dois lados. Primeiro olhei para o lado de onde eu tinha vindo, onde havia um semáforo que estava fechado, os veículos esperando que o verde acendesse para seguir. Depois olhei para o outro lado, onde havia a loja Mappin. Fazendo uma curva vinha um ônibus elétrico, andando na lentidão característica desses veículos quando fazem curvas.

Esperei o ônibus elétrico passar e iniciei a travessia. Não olhei novamente para o lado do semáforo, que já havia aberto. Quando estava no meio da rua ouvi um ruído característico de pneus cantando no asfalto.

Virei-me na direção do som e vi que uma enorme carro-forte vinha em minha direção. Minha reação imediata foi levantar os braços e esticá-los na direção do veículo que se aproximava, do jeito que o Super-Homem faria.

Levei uma pancada que me lançou no ar. Pousei uns quatro metros depois. Eu tenho noção da distância que voei porque eu tentei a travessia antes de uma banca de revistas que havia na calçada e quando pousei eu estava depois dela.

Pousei sobre meus joelhos e meus cotovelos.

Acho que foi essa minha sorte. Tivesse eu pousado de outra forma, a parte posterior de minha cabeça teria colidido com o chão e, certamente, teria partido. Acho que aconteceu assim porque o primeiro ponto de contato do carro-forte comigo foi o seu para-choques, e

depois a grade de proteção que esses veículos tem na frente, causando que eu fosse arremessado primeiro pelas pernas.

Quando dei por mim, alguns segundos depois, eu estava debruçado no chão, olhando para os meus óculos, que estavam no chão, na minha frente. Peguei os óculos, que estavam intactos e levantei-me.

O carro-forte havia parado e suas portas se abriram, saindo de lá um ou dois (não lembro) seguranças, para me socorrer.

Aqui vale a pena fazer um outra pausa para analisar a situação e compará-la com os tempos atuais. Hoje, um evento desses resultaria no carro-forte ter seguido seu caminho, talvez por cima de mim, pois pensariam ser um assalto. Mas não em 1979.

Muita gente cercou-me mas os seguranças me levaram para dentro do carro-forte, para me levar a algum lugar onde eu pudesse ser socorrido.

Mais uma parte da história que hoje não teria ocorrido.

O Socorro

E lá fui eu, dentro de um carro-forte do Unibanco, acompanhado de três seguranças. Eu podia ver ao fundo diversos sacos desses de transportar valores. Depois eles me diriam que era a folha de pagamento de uma das fábricas da Souza Cruz, fabricante de cigarros.

Seguimos até um prédio, o Edifício Andraus, de triste memória devido a um incêndio ocorrido sete anos antes, onde morreram 16 pessoas. Num dos andares ficava uma clínica do banco e um dos seguranças me levou lá, para que pudesse ser atendido. Mas, uma atendente disse que a clínica era só para funcionários do banco e que eu não poderia ser atendido. Ela sugeriu que eu fosse levado à Santa Casa, e para lá seguimos.

Eu não estava sentindo nada exceto uma grande dor num dos dedos de minha mão direita. O dedo médio estava doendo muito e inchado. Creio que a grade frontal do carro-forte bateu com esse dedo. Depois eu fiquei sabendo que a falange distal havia se separado da falange medial e estavam agora quase em paralelo. O dedo doía muito e estava inchando. De resto, nada mais a reclamar.

Talvez por estar perturbado com essa dor, eu só me dei conta do que era a Santa Casa quando chegamos lá e a atendente pediu minha Carteira de Trabalho.

Então eu já havia percebido que o estrago não era dos maiores e pedi aos seguranças que me levasse ao escritório do broker, que ele resolveria tudo. Afinal, eu estava comprando a ela algo no valor de US\$ 750 mil.

O escritório de Joaquim ficava num prédio na avenida Paulista, na esquina com a Alameda Casa Branca, junto ao Parque Trianon.

Ao chegar em frente ao prédio, o motorista estacionou o carro-forte na calçada e um deles subiu comigo a escritório de Joaquim, que não estava lá. Havia saído para tomar um café. Em tempos sem celular era difícil se comunicar. Esperamos e Joaquim não demorou. Ele ouviu a história e garantiu a segurança que iria cuidar de mim.

Mas os seguranças não queriam me deixar ali e então Joaquim sugeriu que me levassem à Clínica Pamplona, que fica perto dali, na rua Pamplona. Realmente era perto, uns 500 metros, mas era do outro lado da avenida Paulista.

Para cortar caminho, o motorista do carro-forte abriu a sirene e passou por cima do canteiro da avenida Paulista, para mudar de direção mais rápido.

Ao chegar à Clínica Pamplona fui levado a uma sala onde um médico me examinou. Ele disse que era apenas uma luxação. Enquanto ele examinava minha mão percebi o que ele ia fazer um segundo antes. Ele puxou a falange distal e ela voltou a encaixar em seu lugar. A dor foi enorme, mas passou logo. O médico colocou uma tala em minha mão e envolveu-a em gaze, imobilizando o dedo médio junto com os seus adjacentes.

Quando tudo terminou, Joaquim já havia chegado e cuidou da conta. Ao sairmos um dos seguranças do carro-forte estava na entrada da clínica. Os outros dois haviam seguido para fazer a entrega do dinheiro da Souza Cruz. Perguntei se ele queria ser levado a algum lugar mas ele disse que os outros dois voltaria depois para buscá-lo.

Então peguei um taxi e segui para o hotel onde eu estava hospedado. Não lembro qual era, mas devia ser um hotel barato, porque eu estava viajando com diárias da Compesa.

A viagem de volta para Recife teria que acontecer mesmo no sábado.

O Jantar da SUCESU

Naquele dia estava programada uma reunião mensal da diretoria da SUCESU Nacional em São Paulo, e depois haveria um jantar no restaurante do Hotel Ca'd'Oro, na rua Augusta. Nessa época haviam dois hotéis com esse nome nessa rua, mas tratava-se do hotel mais antigo, que ficava próximo à rua Martins Fontes.

Eu não estava programado para ir a esse jantar, mas fui assim mesmo, pois nada mais tinha a fazer.

Estavam lá os diretores-presidentes das diversas regionais, incluindo Adson Carvalho, então diretor-presidente da SUCESU-PE.

A história de minhas aventuras daquela tarde foi o assunto mais comentado e Adson ficou brincando que só mesmo eu para ir a São Paulo e ser atropelado em cima do Viaduto do Chá por um carro-forte cheio de dinheiro.

Voltei a Recife no dia seguinte, conforme programado.

A única sequela que ficou foi que esse meu dedo, o dedo médio da mão direita, é um pouco mais grosso do que deveria.